

2- O método de Benjamin

Benjamin entende que a percepção do homem não é estática. Ao contrário, ela é determinantemente influenciada pelo meio em que se encontra⁹. Neste sentido não é de se admirar que a noção de experiência, sendo uma forma de percepção, também tenha sofrido alterações na construção do pensamento do filósofo. Antes de adentrarmos na investigação da noção de experiência propriamente dita, cabe refletirmos acerca da maneira como nos colocamos no encaixe desta noção benjaminiana: É de fundamental importância entrarmos no ritmo do pensamento deste filósofo, não tentar encaixar nele nossas pré-concepções, mas deixar que seu pensamento se desdobre e nos colocarmos atentos para perceber as possibilidades de interpretação do texto, pois não se trata de simples descrição objetiva de uma teoria.

Não encontraremos tal objetividade em Benjamin, e se por desaviso, teimosia ou força do hábito ainda tentarmos buscar um conceito objetivo no seu pensamento, seremos constrangidos pelo paradoxo de suas afirmações. Neste caso a saída será abandonar Benjamin, ou, abandonar as passagens de sua obra que contradizem a hipótese que se tem interesse em defender, ou resta ainda a terceira opção, a qual intentamos seguir, que compreende em abandonar a ideia de arrancar deste filósofo conceitos, não tentar fazê-lo dizer algo, mas entrar na conversa com ele. Pois, a nosso ver, é assim que o pensamento de Benjamin se desenvolve, como uma conversa, onde o assunto é apresentado de forma dinâmica e com a participação do interlocutor, uma vez que cabe a esse interlocutor-leitor um trabalho ativo de escuta, já que nem tudo que Benjamin diz é dito de forma literal (e aí está a força e permanência de sua obra), é necessário buscar em sua fala sentidos, conexões de ideias que não estão ditas objetivamente, mas sim nas entrelinhas, ler Benjamin é um trabalho de ler as entrelinhas, ou seja, traçar conexões, interpretações em seu pensamento. E era justamente esse leitor crítico que Benjamin aspirava, um leitor que não apenas reproduzisse, representasse sua obra, mas a expandisse. Tal como ele expõe no *Conceito de Crítica de Arte no*

⁹ “No interior de grandes períodos históricos, a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência. O modo pelo qual se organiza a percepção humana, o meio em que ela se dá, não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente.” Benjamin, Walter. *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade técnica* In. Obras Escolhidas, p.169.

Romantismo Alemão, dizendo que é pela crítica que uma obra se cria e se realiza¹⁰.

Deste modo, ao falar sobre a obra deixando que ela fale, alargamos a compreensão nas questões do pensamento de Benjamin. Aqui não se trata apenas de se chegar ao conteúdo do pensamento do filósofo, mas, simultaneamente, à forma como este pensamento se apresenta, ou seja, ao seu método de construção, um método construtivo¹¹ e não direto, que é dado à medida que as ideias se relacionam, não havendo conclusões fechadas.

A filosofia é, para ele (Benjamin), uma forma de prosa que dispensa a coerência dedutiva da ciência, a lógica do sistema, o caráter coercitivo da demonstração matemática¹².

A filosofia de Benjamin não obedece ao balizamento do discurso lógico, ou seja, daquele que pela retórica cria oposições, explica a realidade a partir de uma linguagem dualista (como sujeito e objeto, mente e corpo, forma e conteúdo), e o que não se encaixa nessa linguagem, simplesmente está fora do real, fora dos conceitos universais pelos quais a lógica pensa, ou melhor, está fora dos conceitos pelos quais a lógica constrói conhecimento. Pois não se trata de pelo pensamento construir interpretações, mas antes, por conceitos construir um conhecimento, ou seja, é uma busca da consciência de se apossar de determinado objeto¹³.

(...) o que caracteriza o conhecimento é o fato dele ser aquisição de um objeto preexistente, de um particular, na qual a intenção decisiva é a tomada de posse desse objeto¹⁴.

A construção de um conhecimento se dá pela observação do real visando à confirmação de determinada hipótese e uma vez que a hipótese é confirmada, ou seja, uma vez que o fenômeno observado é organizado e representado pelo conceito, torna-se uma ideia universal e eterna, sintetizada em um axioma. Assim, os conceitos obtidos pelo método que visa fundar um conhecimento excluem

¹⁰ BENJAMIN, Walter. *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*, p.75.

¹¹ BENJAMIN, Walter. *Sobre o Conceito da História*. In. Obras escolhidas, p.231.

¹² MURICY, Katia. *Alegorias da Dialética*, p. 16.

¹³ “o conhecimento é um haver. Seu próprio objeto é determinado pela necessidade de ser apropriado pela consciência”. BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama barroco Alemão*, p. 15.

¹⁴ SUSSEKIND, Pedro. *Caminho principal e caminhos secundários*, p. 25.

todas as outras possibilidades de se pensar o real, ou se preferirmos, de buscar a verdade. Os conceitos encaixam o real em uma fórmula de leitura predeterminada e limitam a verdade em uma única possibilidade. Benjamin diz que essa forma de pensar

(...) se acomoda a um sincretismo que tenta capturar a verdade numa teia de aranha estendida entre várias formas de conhecimento, como se ela voasse de fora para cair aí¹⁵.

Contudo, o real não se esgota em uma definição, em uma verdade, pois não haveria uma pretensa verdade única e eterna em si mesma, ou seja, uma verdade com existência prévia que se auto-determine, a qual estaria voando em uma dimensão de difícil alcance, esperando ser capturada. Ao contrário, toda verdade se constrói na relação do instante, não há nada previamente arranjado, tudo ganha sentido na apresentação do que se observa com o presente de quem observa. Por isso, Benjamin nos diz que

(...) a verdade é ligada a um núcleo temporal que se encontra simultaneamente no que é conhecido e naquele que conhece. Isso é tão verdadeiro que o eterno, de qualquer forma, é muito mais um drapeado em um vestido do que uma ideia¹⁶

Essa citação elucida bem a pouca convicção de Benjamin nas concepções eternas e universais. Assim a verdade para o filósofo não é algo predeterminado e eterno, não possui força de convencimento, e muito menos se limita na dicotomia em que o que não é verdade, é necessariamente falso. Verdade para Benjamin é o que se apresenta¹⁷, “é o relampejar no momento de perigo”¹⁸, ou seja, é o instante do aqui e agora em que as ideias se articulam e constroem novas forma de pensar, conexões inesperadas que podem se dar a partir da articulação do presente com um tempo afastado no passado, rompendo assim com o encadeamento temporal previsível e com o hábito da experiência que se repete.

¹⁵ BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*, p. 14.

¹⁶ BENJAMIN, Walter. *Passagens* 505 [N3, 2].

¹⁷ “a verdade, presentificada no bailado das ideias representadas, furta-se a toda e qualquer projeção no domínio do conhecimento”. BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama barroco Alemão*, p.15.

¹⁸ BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história* In Obras escolhidas, p.224.

No âmbito do conhecimento, o método é meio para se chegar ao objeto de apropriação, e a forma desse método está ligada a uma conexão estrutural consciente¹⁹. Pois como Benjamin elucida: “O seu próprio objeto (do conhecimento) é determinado pela necessidade de ser apropriado pela consciência (...)”²⁰, ou seja, há uma intenção prévia do fenômeno que se deseja conhecer, e o método vai garantir a boa representação desse fenômeno em um conceito universal, uma fórmula de percepção igual para todos e válida em qualquer tempo. Benjamin, por sua vez, não comunga com este método do conhecimento que se faz de meio para chegar ao objeto de apropriação, se para o filósofo a percepção não é estática, ela se transforma de acordo com o contexto em que se insere, o método do seu pensamento não pode ser algo rígido e sempre igual, mas deve se formar em consonância com a generalidade dos casos. Adorno, ao escrever a respeito de Benjamin, já bem observa que seu “método não pode separar-se do conteúdo. O ideal de conhecimento para Benjamin não se limitava à reprodução daquilo que existe por si.”²¹

Para Benjamin, o método é entendido como “caminho não direto”²², não se liga a uma conexão estrutural consciente, não segue um curso ininterrupto previamente traçado pela intenção, trata-se antes de um método sem prévias intenções, um método que Benjamin, belissimamente, compara com o movimento da respiração. Este ato vital é permanente, porém inconstante, segue o ritmo da situação, pode se dar de forma profunda, tornar-se ofegante ou entrar em apneia. Assim se dá o método não direto de Benjamin, desenvolve-se de acordo com o que se apresenta, no aqui e agora ele cria uma montagem de fragmentos, em que a totalidade é evocada em cada uma de suas partes, às quais o pensamento tem que continuamente se voltar. Assim, o movimento do pensamento, da parte ao todo e de volta à parte, adquire um ritmo intermitente, descontínuo.

O pensamento volta continuamente ao princípio, regressa com minúcia à própria coisa. Este infatigável movimento de respiração é o modo de ser específico da contemplação. De fato, seguindo, na observação de um único objeto, os seus

¹⁹ BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama barroco Alemão*, p.15.

²⁰ BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama barroco Alemão*, p.15.

²¹ ADORNO, T. W. *Caracterização de Walter Benjamin*. In. Sobre arte, técnica, linguagem e política, p. 23.

²² “Método é caminho não direto (...). A sua primeira característica é a renúncia ao percurso ininterrupto da intenção.” BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama barroco Alemão*, p. 14.

vários níveis de sentido, ela recebe daí, quer o impulso para um arranque constantemente renovado, quer a justificação para a intermitência de seu ritmo. E não receia perder o ímpeto, tal como um mosaico não perde a sua majestade pelo fato de ser caprichosamente fragmentado.²³

Há no método de Benjamin uma imanência entre a forma e o conteúdo, de modo que não se trata de uma prévia escolha da forma. Forma é necessariamente apresentada junto com o conteúdo. O que significa dizer que o método do pensamento de Benjamin não se constrói na abstração de conceitos, permite-se conviver com aparentes paradoxos, pois as noções em que ele estrutura sua filosofia, tal como a noção de experiência, não são apreendidas a um sentido único, fechado e linear. “O seu pensamento revolta-se, desde o início, contra a mentira de que o homem e a humanidade se fundam em si, daí resultando um absoluto”²⁴.

Contrário a essa pretensão de um absoluto que açula o pensamento a seguir para frente, o pensamento de Benjamin volta continuamente ao princípio, não se prende à consolidação de um conceito, a partir do qual seguiria rumo adiante. Ele não se constrói como um castelo de cartas em que se retirando a carta que está na base o todo despencaria. A imagem que pode descrevê-lo melhor é a de um mosaico em que cada ideia se soma a outras de variadas formas e cores. Nenhuma delas sustenta o todo do pensamento, mas o conjunto, em meio às suas singularidades, que dá forma à obra. Cabe ressaltar que o fato de não fazer uso de conceitos bem delimitados não torna sua obra inconsistente, pois o aparente paradoxo em que Benjamin insere seu pensamento não anula sua validade, pois não se trata de produzir ideias contraditórias. O que Benjamin faz é um embate de ideias, sem priorizar apenas um lado da questão. Ele constrói sua obra na tensão de ideias, dando igual relevo às diversas facetas de uma mesma questão, de forma que não é possível determinar de que lado ele fala, pois Benjamin não escolhe um lado. Ele entende ser mais produtivo manter o embate, o equilíbrio da tensão, ou seja, prefere não nivelar todas as singularidades a uma determinada perspectiva que se pretenda universal, que generalize e englobe todas as diferenças. Pelo

²³ BENJAMIN. *Origem do drama barroco alemão*, p.14.

²⁴ ADORNO, T. W. *Caracterização de Walter Benjamin*. In. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*, p. 18.

contrário, ele não visa observar o que se repete, o que é comum, não se interessa em estabelecer dicotomias, adotando um determinado ponto de vista como o certo, o positivo, mas sim quer dar a ver as diferenças, os contrastes, as rupturas, pois como ele diz,

(...) os contornos da parte positiva só se realçarão nitidamente se ela for devidamente delimitada em relação à parte negativa. Toda negação, por sua vez, tem o seu valor apenas como pano de fundo para os contornos do vivo, positivo. Por isso, é de importância decisiva aplicar novamente uma divisão a esta parte negativa, inicialmente excluída, de modo que a mudança de ângulo de visão faça surgir novamente, nela também, um elemento positivo e diferente daquele anteriormente especificado²⁵.

É nesta perspectiva de buscar sempre novas associações, e de se deixar conduzir pela apresentação das ideias, cortejando inesperadas articulações de pensamentos, que Benjamin constrói sua filosofia. É a partir desse método não direto, descontínuo, que introduz rupturas no pensamento. Pois, segundo Benjamin, “Pensar não inclui apenas o movimento das ideias, mas também sua imobilização”²⁶, e essa imobilização é provocada por uma escrita não conceitual que privilegia a imagem no pensamento, pois “o melhor conceito é o que permanece ainda imagem e não sucumbe à ilusão da transparência do logos”²⁷. Por isso, em sua escrita, Benjamin se utiliza da forma do aforismo e da alegoria, ou seja, uma escrita que não é linguagem fixa, mas que impele a ser a cada vez descoberta, e que dela se produzam sentidos. Assim seus textos provocam rupturas na associação habitual, com frases repentinas, deslocadas e imagens herméticas, ele é tanto capaz de aludir a fatos históricos diminutos, quanto a autores desconhecidos, e o faz não por excentricidade e capricho, pois todo seu método de escrita está em absoluta sintonia com o seu pensamento filosófico. Benjamin entende que é necessário romper com as generalizações, com as repetições de ideias e então se voltar para as singularidades, ou seja, ele quer mais do que tratar um fenômeno buscando encaixá-lo no universal que se repete, do contrário ele se interessa em fazer ver o todo aparecendo pela perspectiva do singular, fazendo com que o micro lance novas explicações ao macro.

²⁵ BENJAMIN, Walter. *Passagens*, seção, N 1ª, 3.

²⁶ BENJAMIN, Walter. *Sobre o Conceito de História* In. Obras escolhidas, p.231.

²⁷ SELIGMANN, Márcio. *A catástrofe do cotidiano, a apocalíptica e a redentora*, p.376.

Dessa forma Benjamin constrói um pensamento por imagens, e as suas imagens são de sentidos inesgotáveis, permitem um conectar infinito de fragmentos, tendo em vista que a infinitude de conexões não consiste numa “infinitude da continuidade” nem numa “progressão vazia”²⁸, numa linearidade textual ou concatenação lógica, mas no desdobramento infinito da reflexão imanente à própria obra. A infinitude traz a ideia de que a parte deve conter em si o todo e o todo cada parte. O todo, porém, não se constitui da soma das partes, é antes princípio unificador e regulador encontrado em cada parte, constituindo um sistema.

²⁸ “Portanto não se trata de um progredir no vazio, de um vago sempre-poetar-melhor, mas, antes, de um desdobramento e de uma intensificação continuamente mais abrangentes das formas poéticas.” BENJAMIN, Walter. *Conceito de crítica de arte no romantismo alemão*, p. 34.e p.96